

Turismo religioso e combate à intolerância em tempos de Covid-19: um olhar sobre a umbanda na cidade de Teresópolis-RJ

Religious tourism and the fight against intolerance in times of Covid-19: a look at Umbanda in the city of Teresópolis-RJ

Jackelyn Thaywani Pereira Vieira

Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/RJ, Brasil
E-mail: jackelyn.thaywani@gmail.com

Valeria Lima Guimarães

Professora adjunta da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/RJ, Brasil
E-mail: valeriaguimaraes@id.uff.br

*Artigo recebido em: 15-08-2021
Artigo aprovado em: 03-11-2021*

RESUMO

O presente artigo desdobra-se de uma dissertação de mestrado em Turismo defendida em 2021, que teve como foco o turismo religioso na cidade de Teresópolis-RJ, com destaque para a umbanda, e amplia a discussão para o contexto da covid-19. A cidade foi escolhida por ter muitos templos religiosos de matriz africana e também por apresentar fortes registros de intolerância religiosa comprovados pelo Estado nos últimos anos. O trabalho pretende fazer uma contribuição para o debate sobre a inserção das religiões de matriz africana no turismo e alertar para o crescente número de casos de agressões aos templos religiosos e também aos seus manifestantes, reforçando a importância do respeito à diversidade religiosa. Com um olhar atento para as atividades de um centro de umbanda e de um santuário umbandista, ambos localizados na referida cidade, é feita uma análise sobre o potencial turístico do local. O estudo aponta também os impactos da pandemia de covid-19 nas atividades do centro e do santuário de umbanda pesquisados e seus reflexos sobre a prática do turismo religioso. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas, participação em eventos de turismo religioso (*online*) que abordaram a questão da pandemia, e pesquisa de campo com observação direta. O trabalho é concluído com a apresentação das formas de resistência e das estratégias construídas pelos religiosos umbandistas para a manutenção da sua fé no contexto da pandemia e fortalece o argumento da importância do turismo religioso como um possível agente promotor do respeito à diversidade religiosa e cultural.

Palavras-chave: Turismo Religioso. Umbanda. Teresópolis-RJ. Covid-19.

ABSTRACT

This article unfolds from a Master's thesis in Tourism defended in 2021, which focused on religious tourism in the city of Teresópolis-RJ, with emphasis on umbanda, and expands the discussion to the context of covid-19. The city was chosen for having many religious temples of African origin and also for presenting strong records of religious intolerance proven by the State in recent years. The work intends to make a contribution to the debate on the insertion of African-based religions in tourism and alert to the growing number of cases of aggression against religious temples and their demonstrators, reinforcing the importance of respecting religious diversity. With a close look at the activities of an Umbanda center and an Umbanda sanctuary, both located in the aforementioned city, an analysis is made of the tourist potential of the place. The study also points out the impacts of the covid 19 pandemic on the activities of the researched center and sanctuary of Umbanda and its effects on the practice of religious tourism. Therefore, bibliographical research was carried out, participation in religious tourism events (*online*) that addressed the issue of the pandemic, and field research with direct observation. The work concludes with the presentation of forms of resistance and strategies built by Umbanda religious to maintain their faith in the context of the pandemic and strengthens the argument of the importance of religious tourism as a possible agent to promote respect for religious and cultural diversity.

Keywords: Religious tourism. Umbanda. Teresópolis-RJ. Covid-19.

1. INTRODUÇÃO

A humanidade atravessa uma das crises sanitárias mais profundas nos últimos decênios. É papel da universidade abordar os impactos dessa catástrofe em suas diferentes dimensões, buscando aliar-se à sociedade na compreensão do problema e na construção de estratégias que possibilitem a sua superação e, ao mesmo tempo, apontar novos caminhos para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária e respeitosa com o meio ambiente e social.

A pandemia da covid-19, decretada pela Organização Mundial de Saúde no mês de março de 2020, como é sabido e experienciado globalmente, impôs a necessidade do distanciamento social, provocando profundas alterações na forma como os seres humanos se relacionam e nas atividades que exercem, levando à virtualização das relações sociais, incluindo as formas com que os indivíduos participam das suas atividades religiosas em sua congregação, como também, em muitos casos, das atividades profissionais.

O fechamento dos templos religiosos foi uma condição necessária para se impedir aglomerações e com elas a disseminação do novo coronavírus, causador da severa gripe batizada de SARS covid-19. Passado cerca de 1 ano e meio do início da pandemia, a decisão de manter os templos fechados, ou de mantê-los em funcionamento, mas com restrições e muitos cuidados sanitários, ainda persiste. A virtualização das atividades religiosas antes praticadas presencialmente, foi uma alternativa ao fechamento de igrejas, centros, mesquitas, santuários, templos e terreiros que não puderam abrir suas portas para o exercício da fé e das atividades sociais desenvolvidas em suas sedes e nas vias públicas, dentre elas, as festas religiosas, as procissões e, inclusive, o turismo religioso.

Também do lado acadêmico a pandemia forçou a virtualização das atividades, sejam elas de ensino, de pesquisa e até mesmo as extensionistas, quando a universidade abraça a sociedade, essas últimas desde que possíveis de serem executadas de modo remoto. Os congressos acadêmicos tomaram o formato *online*, com o apoio de diversas plataformas digitais, como *Google Meet*, *Zoom*, *Streamyard* e *Youtube*. No campo dos estudos turísticos, diversas foram as iniciativas, nacionais e internacionais, conectando pesquisadores de todo o mundo, preocupados, na emergência do contexto atual, com o debate sobre o turismo nos tempos de covid-19 e até mesmo aventando novos rumos e adaptações para o turismo no que se convencionou chamar de “novo normal”, ou seja, a prática do turismo na nova configuração mundial com as transformações provocadas pela presença do novo coronavírus entre nós, e no “pós-covid”, um suposto futuro, estimado de curto prazo, quando superada a pandemia.

Dos fóruns específicos sobre o turismo religioso, ocorridos neste contexto pandêmico, que envolveram representantes de diferentes religiões, da academia e também do *trade* turístico, destacamos o 3º e o 4º Fórum Paranaense de Turismo Religioso (realizados remotamente em 13 e 14 de agosto de 2020, e 12 e 13 de agosto de 2021, respectivamente), e a 4ª edição do Fórum Nacional de Turismo Religioso, realizada em junho de 2020, também de forma *online*, e este com caráter solidário, com a finalidade de assistir as pessoas mais economicamente atingidas com a pandemia de covid-19.

Vale ressaltar que o turismo, como abordaram diversos especialistas e associações de classe do setor, nacionais e internacionais, foi um dos setores econômicos mais profundamente atingidos pela pandemia, tendo sido paralisado em muitos países do mundo, inclusive com o fechamento oficial do espaço aéreo e das fronteiras terrestres e o *lockdown* (fechamento das cidades), com a restrição compulsória das mobilidades humanas. Considerando as diversas atividades envolvidas na cadeia produtiva do turismo, os empregos e renda diretos e indiretos, a paralisação do turismo e a queda acentuada da receita trouxeram consequências bastante graves para o setor, impactando os negócios, seus trabalhadores e suas famílias. Com o segmento do turismo religioso também não foi diferente.

Paradoxalmente, a pandemia de covid-19 ao mesmo tempo em que interrompeu a profissão da fé religiosa presencialmente nos templos sagrados, as celebrações e as atividades de turismo religioso, levou a um aumento da procura pela fé e apegar-se ao sagrado tornou-se uma das formas possíveis de resistir ao sofrimento físico, emocional e às imensuráveis perdas materiais e humanas impostas pelo vírus que se estabeleceu na comunidade planetária.

Se a pandemia interrompeu os encontros entre o indivíduo e o seu deus no seu lugar de acesso ao sagrado e impediu as sociabilidades dali decorrentes, a mesma, ainda que com a diminuição do fluxo de pessoas nas ruas, não foi capaz de conter os ataques motivados pela intolerância religiosa aos templos sagrados, especialmente aqueles concernentes às religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda.

O presente artigo tem como objetivo trazer à discussão o papel do turismo religioso no combate a esse grave problema que se manifesta historicamente em nossa sociedade: a intolerância religiosa, considerando os impactos provocados pela pandemia na suspensão da atividade turística e as dificuldades e desafios que se apresentam no atual contexto pandêmico.

O trabalho parte de um duplo lugar de fala: 1) a academia, onde a primeira autora desenvolveu uma dissertação de mestrado em Turismo, que serviu de base para este estudo ser elaborado e expandido, orientada pela segunda autora deste artigo, dando destaque à umbanda

e às possibilidades de turismo religioso em um centro umbandista; e 2) a profissão da fé umbandista, por parte da primeira autora, membro do Centro Espírita de Umbanda Xangô Caô do Oriente (CEUXCO), localizado na cidade de Teresópolis, na região serrana do estado do Rio de Janeiro, e que será objeto de análise neste trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil é um país multicultural, formado no processo histórico por diversos encontros de povos e culturas, cada qual com suas crenças e costumes que se intercalaram e influenciaram mutuamente, apesar de um passado de violência e opressão contra as manifestações de fé não dominantes (como foi o caso da fé católica ao longo de todo o período colonial), cujos reflexos se fazem sentir até o presente. O país abriga em seu território uma diversidade de templos religiosos e santuários, revelando toda a sua riqueza histórica e cultural.

As religiões são passíveis de reconhecimento como patrimônio cultural, o que contribui para o fortalecimento da identidade do sujeito, com a valorização e preservação da sua história, da sua fé e da sua cultura. Isso estimula, inclusive, a perpetuação da fé religiosa, de seus ritos e a obtenção de novos adeptos. A esse respeito, Gonçalves (2003) afirma que:

O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (Gonçalves, 2003 p.27)

O turismo envolvendo os patrimônios culturais religiosos é importante para que se tenha um conhecimento de sua própria religião e a origem histórica de sua cultura, a sua ancestralidade, para a afirmação identitária. Também é importante o turismo religioso para que outros adeptos de religiões distintas ou agnósticos se conheçam e se respeitem dentro da sociedade. Contudo, conforme Cardoso,

O grande problema é exatamente reconhecer essas diferenças ao mesmo tempo em que se garante a igualdade. A ampliação do alcance das comunicações e o desenvolvimento tecnológico levaram o mundo, rapidamente, à globalização e ao aumento das diferenças culturais dentro de cada sociedade. (Cardoso, 1996/1997 p. 14)

O patrimônio religioso faz com que não se perca a memória de certos hábitos e tradições das religiões, como no caso de uma festa ritualística, de um dia específico de uma divindade ou das histórias contadas pelos membros mais antigos ou pelas autoridades religiosas. O turismo não nos leva somente para o lugar sagrado e nos reporta às suas práticas ritualísticas e memórias,

de natureza imaterial, ele também faz com que conheçamos um pouco mais sobre a religião por meio da sua materialidade, com a observação de artefatos mais antigos, por exemplo. Não somente os adeptos da religião que visitam este espaço, mas um visitante comum, de outra religião ou agnóstico pode obter acesso ao patrimônio religioso e ampliar os seus conhecimentos culturais.

Segundo Andrade, o turismo religioso define-se como “[...] o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões”. (Andrade, 1998, p.17). O turismo religioso pode ser entendido como uma atividade desenvolvida por pessoas que se deslocam por motivos religiosos, pela fé ou para participar de eventos de significado religioso. Compreende peregrinações, romarias, visitas a locais de caráter histórico/religioso, festas e espetáculos de cunho sagrado. É um segmento que pode contribuir para a valorização e a preservação das práticas espirituais, enquanto manifestações culturais e de fé que identificam determinados grupos humanos.

Indo além da relação com as religiões e a fé, o turismo religioso é um dos segmentos turísticos que movimentam a economia e ajudam a circular a renda. Dados compilados pelo jornal BrasilTuris, com base nas informações divulgadas pelo Departamento de Estudos e Pesquisas do Ministério do Turismo, antes da pandemia (2019), davam conta de que o turismo religioso em nosso país estimulou a realização de 8,1 milhões de viagens domésticas por ano, que somadas ao movimento dos excursionistas chegaram a 18 milhões de viagens anuais, injetando uma receita em torno de R\$ 15 bilhões na economia brasileira. Em relação ao turismo religioso receptivo internacional, estimou-se que cerca de 30 mil turistas estrangeiros visitassem o Brasil anualmente (Brasilturis, 2019).

Pelo fato de o turismo ser uma atividade que pressupõe intensa mobilidade, podendo também gerar aglomerações (Chinazzi et al., 2020), com a pandemia da covid-19 diversos países fecharam suas fronteiras para protegerem sua população, o mesmo acontecendo internamente, evitando os deslocamentos entre os estados (Leite; Santos; & Leite, 2020).

O aparecimento do coronavírus e a disseminação da covid-19 interromperam um momento de amplo desenvolvimento turístico (UNWTO, 2019), mas não impediram a realização de fóruns de debates e da produção acadêmica em Turismo, trazendo para o centro, como não poderia deixar de ser, a presença da pandemia e seus impactos na atividade e no fenômeno turísticos. O debate acadêmico se intensificou com o uso das tecnologias da

informação, aproximando pesquisadores, gestores e profissionais do *trade* de todas as partes do mundo, unidos para compreender a atual situação e discutir estratégias para o setor.

Num desses eventos, o 4º Fórum Paranaense de Turismo Religioso, realizado nos dias 12 e 13 de agosto de 2021 e transmitido pela plataforma digital Youtube, o Pai Dorival Bráz Simões, presidente do Conselho Mediúnico do Brasil (Cebrás), proferiu uma fala inaugural do referido fórum, representando as religiões de matriz africana e evidenciando o potencial do turismo religioso que estas possuem, e, no caso particular, destacou a umbanda. De acordo com ele, o estado do Paraná abriga na cidade de Terra Roxa, “o maior templo de umbanda do Brasil”, que é o Santuário da Fé Espírita Reino de Baluaê (4º Fórum Paranaense de Turismo Religioso).

O Santuário integra a Federação Paranaense de Umbanda e da Federação Nacional do Culto Afro Brasileiro. Em 2010, a Associação Espírita Reino de Baluaê, foi consagrada pelo Cebrás, como o Primeiro Templo de Umbanda no Roteiro Turístico Religioso Sustentável do Estado do Paraná. O templo recebe em média 4.000 visitantes por mês, possuindo estacionamento, praça de alimentação, loja de artigos religiosos e farmácia fitoterápica (RETUR PR). Porém, a pandemia, como informou o Pai Dorival Bráz Simões, impede o templo umbandista de abrir a suas portas há 1 ano e meio (4º Fórum Paranaense de Turismo Religioso).

Não raras as abordagens acadêmicas sobre o turismo religioso enfocando as religiões de matriz africana, particularmente a umbanda. Os eventos temáticos de turismo religioso pouco contemplam outras congregações que não as da fé católica. Basta uma rápida busca na internet para averiguar a programação desses eventos e constatar a ausência de representantes das demais religiões brasileiras. No referido fórum, tal fato não ocorreu.

A Umbanda, de acordo com seu marco histórico, é uma religião que surgiu no território que hoje faz parte do município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Segundo Bezerra (2019), “o dia 15 de novembro, já considerado pelos adeptos como a data do surgimento da umbanda, foi oficializado no Brasil em 18 de maio de 2012, pela Lei 12.644”.

Segundo dados obtidos do IBGE (2020), em todo o Brasil há um total de 61.739 pessoas que se declaram espiritualistas; 588.797 pessoas que se declaram espíritas; 588.797 pessoas que se declaram tanto da Umbanda como do candomblé; 407.331 pessoas que se declaram somente da umbanda; 167.363 pessoas que se declaram somente do candomblé; e 14.103 pessoas que declararam fazer parte de outras religiões afro-brasileiras. No Estado do Rio de Janeiro, onde se localiza o foco de estudo, há 11.550 pessoas que se declaram espiritualistas; 647.572 pessoas que se declaram espíritas; 141.783 pessoas que se declaram tanto da umbanda como do

candomblé; 89.626 pessoas que se declaram da umbanda; 50.967 pessoas que se declaram do candomblé; e 1.190 pessoas declararam fazer parte de outras religiões afro-brasileiras.

Todavia, Reginaldo Prandi, um dos mais proeminentes pensadores na área da sociologia da religião, levanta suspeitas sobre os dados oficiais censitários, considerando que o censo “sempre ofereceu números subestimados dos seguidores das religiões afro-brasileiras, o que se deve às circunstâncias históricas nas quais essas religiões se constituíram no Brasil e ao seu caráter sincrético daí decorrente” (Prandi, 2013, p. 204). Para ele, os números são camuflados por declarações dos praticantes das religiões afro-brasileiras de pertencerem às religiões católica ou espírita. Não é possível, portanto, saber o real número de umbandistas existentes no Brasil, já que se contabilizam apenas aqueles que se autointitulam umbandistas e muitos (talvez até por conta da intolerância religiosa e do medo de serem agredidos) preferem se dizer católicos ou espíritas.

Há uma diversidade e complexidade nos rituais, da liturgia, da doutrina que se refere à umbanda. Não se pode afirmar que existe uma única umbanda e que o seu ritual é único, pois há grandes variações de umbandas. Há templos umbandistas que não evocam Exú, outros templos possuem a influência da religião católica, também há templos que possuem a influência de espíritas kardecistas. Podemos trazer o caso da Fraternidade Espírita Cristã (FEC) que Silva (2017) relata que “[...] Exus e Pombogiras na FEC são proibidos de se manifestarem no período da quaresma” e que essa proibição é uma herança cultural da religiosidade católica (Silva, 2017).

Apesar de suas variações, a umbanda possui como base a origem africana apresentando toda a sua representação mítica nos Orixás, divindades iorubás. Porém, trabalha diretamente com as chamadas entidades, diferentemente do candomblé, que trabalha diretamente com as divindades, com isso as diferenciando. Podemos caracterizar as entidades da umbanda como sendo espíritos de pessoas que já morreram, ancestrais que após sua morte resolveram trabalhar com e para os vivos com o objetivo de lhes ajudar, e se ajudar, em sua evolução espiritual. Essas entidades são organizadas em falanges de acordo com a linha de cada Orixá que escolheu (por algum motivo que não é conhecimento religioso em qual ela irá trabalhar), trabalhar, ou seja, as entidades podem trabalhar na linha de Nanã, de Oxum, de Iemanjá, de Iansã, de Oxóssi, de Xangô, de Ogum, de Preto Velho, entre outras linhas.

Conforme seus adeptos e com os princípios que a umbanda aplica, é através da prática da solidariedade e da fraternidade que se promove o aperfeiçoamento e evolução do ser

humano, aprimorando os valores morais de uma pessoa. E sendo a caridade parte primordial que faz com que a espiritualidade exista no âmbito social (Birman, 1983).

Na compreensão dos ensinamentos do ritual Banto- Ameríndio, ritual de umbanda praticado pelo Centro Espírita de Umbanda Xangô Caô do Oriente (CEUXCO), criador do Santuário Ecológico de Umbanda (SEU), a administração/gerência de todas as práticas e os ensinamentos da doutrina é dada pelos Orixás, compreendidos como energias superiores associadas à força da natureza, sendo assim expressões de DEUS. As ações de um umbandista não se dão somente como ele se comporta dentro do terreiro, os ensinamentos e as práticas que lhe são ensinadas de amor e caridade devem compor o seu ser moral dentro e fora do terreiro, mudando seu comportamento na vida, se tornando um ponto de luz e de harmonia na sociedade.

Podemos dizer que a umbanda é uma religião de contato. A entidade incorporada em um médium que vai dar consulta, trata o consulente com afetividade, cumprimentando a pessoa através de um abraço o que em muitos casos já significa uma limpeza de energias negativas. Além disso, são utilizados instrumentos ritualísticos tais como passes magnéticos e a “puxada”, ritual de desobsessão do consulente, onde inevitavelmente, em ambos os casos a entidade incorporada toca na pessoa que está sendo tratada. Também cabe destacar o uso da bebida ritualística que pode ser oferecida como instrumento de trabalho de energização ou limpeza e o uso da fumaça do cachimbo ou charuto ou cigarro para uma defumação do consulente. É muito comum a confraternização entre duas ou mais entidades incorporadas através de um abraço ou pelo compartilhamento da bebida ritualística. Todo esse conjunto de ações ritualísticas fazem da umbanda uma religião de contato.

Vale lembrar a importância das relações sociais nas religiões de matrizes africanas. Cada culto é chamado de festa e a alegria, a descontração e afetividade são marcantes, caracterizando um ambiente de energia positiva, onde a conexão com o divino é sempre festejada. A conexão com o sagrado e essa ritualística do culto, como festa e alegria, a importância da construção do templo religioso, as crenças e os símbolos sacros remetem ao sentido do *homo religiosus* tratado por Mircea Eliade, para quem essa conexão é uma condição essencial para a humanidade. Segundo o autor, a secularização da sociedade ocidental promoveu o distanciamento do homem com o sagrado, o apagamento de suas raízes e gerou uma crise existencial, levando-o à angústia e ao niilismo. A redescoberta do sagrado, para ele, seria um caminho para a humanização, um paradigma para um novo humanismo (Eliade, 1992).

Entretanto, quando se trata das religiões de matriz africana, no Brasil, em pleno século XXI, o sentido da manutenção ou da retomada dessa condição humanizadora por meio do

sagrado, do qual escreveu Eliade, é completamente desconsiderado. E, ainda pior, pessoas praticantes dessas religiões, seus lugares de culto e símbolos são repudiados, hostilizados e agredidos, ações caracterizam a intolerância religiosa, crime previsto pela Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997, que assevera de 1 a 3 anos e multa para quem produzir atitudes de discriminação ou preconceito contra religiões ou seus praticantes.

Ressalta-se que ao longo de todo o processo de pesquisa envolvendo o turismo religioso com foco na umbanda, foram vistas, com uma grande frequência, notícias de casos de intolerância religiosa praticada contra templos religiosos e também contra crianças, adultos e idosos, promovidas, inclusive, pelos próprios vizinhos a religiosos praticantes de uma fé discriminada socialmente, como é o caso das religiões de matriz africana. O caso da menina Kayllane, de 11 anos, que levou uma pedrada na cabeça quando andava numa rua no Rio de Janeiro com sua mãe, vestindo roupa religiosa do candomblé, em 2015, ganhou muita repercussão e inspirou o documentário *Intolerâncias da Fé* (Capelini, Borges, Sousa, 2015)

Em nível nacional, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) apresenta, a partir de denúncias de discriminação religiosa, que, entre os anos de 2015 e 2018, foram registrados nacionalmente 2.358 casos através do Disque 100, o canal de atendimento ao combate à intolerância religiosa. Os estados que lideram o *ranking* da lista de ocorrências são o Rio Grande do Norte, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O ponto máximo de denúncias relatando ocorrências de intolerância religiosa, entre os anos 2015 e 2018, foi no ano de 2016. Os estados de onde procederam as maiores quantidades de denúncias foram o Rio Grande do Norte (366 ocorrências), São Paulo (105), e Rio de Janeiro, em terceiro lugar no *ranking* nacional entre os estados com maior índice de intolerância religiosa registrada pelo Disque 100 (79 denúncias) (Secretaria de Direitos Humanos).

Conforme os dados disponibilizados pelo Disque 100, é possível observar que as religiões que mais possuem registros de casos de intolerância religiosa estão ligadas àquelas de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda. No ano de 2016, aquele com maior número de ocorrências, como já assinalado, foram registradas 45 denúncias de casos de intolerância à umbanda e 35 denúncias de casos de intolerância ao candomblé (SDH/PR).

De acordo com os dados fornecidos pela Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH), as denúncias de intolerância religiosa pelo Disk 100 aumentaram 41,2% somente no primeiro semestre de 2020, em relação ao mesmo período de 2019. Comparando esses dados

aos mesmos períodos de 2018 vemos um aumento de 136% de denúncias, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH).

Nesse sentido, sublinhar o papel turismo religioso como um potencial agente no combate à intolerância religiosa, faz-se urgente e necessário.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa teve caráter exploratório e se fundamentou em uma abordagem qualitativa, com a utilização de pesquisa bibliográfica, pesquisa em sites de notícias, participação em eventos acadêmicos sobre turismo religioso no contexto da pandemia e pesquisa de campo, com foco no Centro Espírita Xangô Caô do Oriente e no Santuário Ecológico Umbandista, ambos no município de Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro.

A primeira etapa metodológica deste trabalho foi a realização de uma pré-análise bibliográfica sobre o tema turismo religioso e religião de matriz africana, utilizando-se de artigos publicados em base de dados nacionais e internacionais. Optou-se por não realizar corte temporal, pois a busca booleana em algumas bases não obteve resultado, o que fez com que a procura fosse pelas palavras-chave individuais e os anos de publicações diferentes impossibilitaram a realização do corte temporal. As palavras-chave utilizadas foram: Turismo Religioso, Religião Africana e Patrimônio Cultural, em busca booleana (AND e OR) e individual, nos idiomas português, inglês e espanhol. As bases de dados utilizadas foram: Scielo; Redalyc; Base de Publicações de Turismo, do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo; Google Acadêmico; Spell e Web of Science.

Cabe destacar que os resultados da busca inicial inúmeras vezes se sobrepõem, e a utilização do recurso “booleana” para ajudar na filtragem dos artigos, com as três palavras-chave juntas, não foi possível em algumas bases de dados, levando ao uso de duas palavras-chave juntas, ora colocar somente uma palavra-chave e juntando os resultados e descartando as duplicidades. Nas bases de dados: Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico e Redalyc, após navegar por um determinado número de páginas de resultados, os mesmos já não apresentam quaisquer relações com as palavras-chave utilizadas para a busca. Na base de dados foi verificada a ausência de trabalhos que tratem prioritariamente do tema Turismo Religioso Afrodescendente.

A segunda etapa metodológica do trabalho se baseou na revisão bibliográfica, trazendo diálogos entre autores de diversas áreas para embasarem a discussão teórica no que se refere ao turismo religioso, à intolerância religiosa e à umbanda, sendo possível melhor compreender o

fenômeno estudado. Utilizou-se das redes sociais, sites de notícias e dados a respeito das denúncias de casos de intolerância religiosa a partir do ano de 2015, fornecidos pelo serviço Disque Direitos Humanos - Disque 100, atualmente vinculado ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

O trabalho envolveu ainda a participação das autoras em eventos de turismo religioso realizados já no contexto da pandemia, sendo eles o 3º e 4º Fórum Paranaense de Turismo Religioso, em 2020 e 2021, respectivamente, e o Fórum Nacional de Turismo Religioso (2020), observando-se as falas dos líderes religiosos e participantes convidados relacionados com o *trade* turístico e com a gestão pública.

Em relação ao trabalho de campo, foram feitas diversas imersões, em momentos diferentes, antes e durante a pandemia. No ano de 2020, mas antes do contexto pandêmico, foi realizado um pré-campo para averiguação da atividade turística no local a ser pesquisado (o Santuário Ecumênico de Umbanda – SEU) em Teresópolis, quando foram realizadas conversas informais com 25 visitantes que estavam no local praticando a sua fé, e com o líder religioso que administra o Santuário. As conversas incluíram informações sobre o local onde moram os visitantes; se foram à cidade somente para visitar o santuário; se pernoitavam na cidade ou não, e em caso negativo porque não pernoitavam; se visitaram algum outro atrativo turístico da cidade; e se utilizavam restaurantes da cidade para realizar refeições.

Já no contexto da pandemia, em 2020 e em 2021, foram feitas outras visitas que possibilitaram perceber as estratégias de enfrentamento dos religiosos e das instituições estudadas à covid, o cotidiano do templo e do santuário umbandistas nesse período e a suspensão das atividades religiosas, das celebrações e também do turismo religioso, bem como os impactos causados por essa situação catastrófica que é representada pela pandemia.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O ponto de partida do trabalho foi a constatação de que embora haja muitos templos religiosos de diferentes denominações, quem resolver viajar para a cidade de Teresópolis, localizada na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro e distante 62 km da capital, e quiser conhecer aspectos da cultura local, como a religiosidade e os diferentes templos existentes na cidade, não terá as informações necessárias na divulgação turística oficial do município, que contempla apenas alguns templos católicos. O turismo religioso de Teresópolis, portanto, não é muito divulgado, exceto pelas duas igrejas católicas e as mais antigas de Teresópolis, que são a Igreja Santo Antônio e a Igreja Matriz de Santa Tereza, como pode ser visto no mapa a seguir:

é, a desconstrução de padrões e narrativas colonialistas e hegemônicas, que legam a um plano de inferioridade e subalternidade os negros e os indígenas, por exemplo.

A História de Teresópolis contada pela maioria dos moradores é a que a Imperatriz Tereza Cristina, esposa de D. Pedro II, e sua família passavam as férias na cidade para descansar, daí o nome de Teresópolis, em homenagem à Imperatriz. Porém, o que mais interessa neste estudo é a história que a maioria dos moradores não conta, os que contam são aqueles moradores antigos ou aqueles que procuram saber mais profundamente de sua história.

Segundo Lima (2018), antes de a família real subir a serra, essa era habitada originalmente pelas tribos dos nativos Timbira e Coroados denominados como “índios bravos” nas Cartas Topográficas da Capitania do Rio de Janeiro, mandadas tirar pelo Ilm^o. Sr. Conde da Cunha, Capitão General e Vice-rei do Estado do Brasil, no ano de 1767. Na região do município mais próxima à divisa de Minas Gerais funcionava o Quilombo da Serra, ocupado por negros fugidos de lavouras de cana-de-açúcar tanto da Baixada Fluminense como da região do Vale do Paraíba. Da incerteza histórica, uma ocorrência vem corroborar com a existência do quilombo. A trilha indígena onde hoje se assenta parte da estrada Teresópolis – Rio de Janeiro era conhecida no século XVIII como Caminho dos Escravos ou Caminho Novo.

A região onde situa-se Teresópolis era habitada no século XVI por índios timbiras, antes da chegada dos portugueses. Certo progresso foi visto quando os escravos que fugiam das plantações de cana da Baixada formaram o Quilombo da Serra. A família imperial brasileira encantou-se com as belezas deste local em suas constantes visitas feitas durante o século XIX.

Segundo Pereira (2016) a história não contada é de relevância para esta pesquisa, pois se havia um quilombo e índios nesta região, vemos uma invisibilidade dessa história, e também do turismo religioso Afrodescendente. Com a existência do quilombo em Teresópolis antes da fazenda March¹ havia então a manifestação religiosa dos escravos no quilombo. Com isso podemos supor que havia manifestações religiosas diferentes da católica e da evangélica, podendo de fato ser uma manifestação de Religião Afrodescendente ou indígena.

¹ O nome da fazenda March se dá pelo seguinte fato: “personagem mais conhecido quando se fala da cidade de Teresópolis é George March, nascido na Inglaterra em 1788 e criado em Portugal. Chegou ao Brasil com 25 anos, juntamente com seu irmão, Thomas, fixando-se no Rio de Janeiro. Criaram a firma Barcker&March e March Irmãos e Companhia, na Rua dos Pescadores, nº 813, onde atualmente se encontra a Rua Visconde Inhaúma, nº32. Um fato curioso de George March é seu casamento, aos 43 anos com Ignácia Alves, com quem já convivia e que Roberto Féo afirma em seu livro ser de descendência africana. Apesar disso, os viajantes não deixaram registro sobre ela. Dessa união nasceu Jorge Brittain March e Guilherme Taylor March.” (PEREIRA, 2016, p. 3)

Em Teresópolis a umbanda possui forte penetração social, ao ponto de ter ou já ter tido representações em alguns conselhos municipais como os de segurança, das religiões, antidrogas, violência contra mulher e também na câmara técnica de Educação Ambiental do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Para uma cidade de aproximadamente 180 mil habitantes, o número de templos de religiões afrodescendentes é bastante expressivo. Só em relação à umbanda existem 23 terreiros, que, somados aos templos de Candomblé, podem traduzir a força de uma resistência da cultura negra. Tal penetração social ainda pode ser atestada pela observação tanto do fluxo de pessoas frequentadoras dos rituais, como do corpo de religiosos de cada casa. São inúmeras pessoas de variadas profissões, padrões socioeconômicos, que se identificam com as visões de mundo e do divino das religiões de matrizes africanas.

Dessa forma, causa espanto que o Santuário Ecológico de Umbanda não esteja representado no mapa turístico da cidade, assim como outras religiões que possuem seus templos abertos a visitas. Um outro exemplo de resistência da cultura negra na cidade foi a criação do Bloco Carnavalesco Deu Branco, em 2015. O bloco nasce como um instrumento de luta contra o preconceito e a intolerância religiosa ou qualquer outro tipo de intolerância. O Deu Branco possui a proposta de sair sempre uma semana antes do carnaval, trazendo para a avenida músicas relacionadas ao Panteão Afro-Brasileiro e à luta contra todo tipo de preconceito, racismo e intolerância religiosa (Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Deu Branco).

Outro local religioso e aberto à visita, este inclusive com infraestrutura turística de hospedagem e serviço de spa, também ausente no mapa turístico, é o Ashram Vrajabhumi, situado na fazenda Vrajabhumi, que localiza-se na Estrada Teresópolis-Friburgo. A fazenda foi doada em 1992 para a Fundação Baktivedanta (Hare Krishna) por Shatru Kotivinasana Das (Sergio Leite Pereira, fundador). O retiro espiritual ou Ashram possui o objetivo de divulgar a filosofia védica no ocidente. Desde então, monges e pessoas espiritualizadas frequentam o Vrajabhumi como um local de elevação espiritual e prática da Bhakti Yoga, conhecido como o yoga da devoção. No templo Krishna Balarama são realizadas diariamente cerimônias e palestras onde se canta e dança os sagrados nomes de Deus (**Vrindávana Pousada & Spa**).

Pensando no silenciamento sobre o turismo religioso envolvendo religiões de minorias na cidade de Teresópolis e observando o que é familiar, foram feitas investigações a respeito do potencial turístico do Centro Espírita Xangô Caô do Oriente (CEUXCO) e do Santuário Ecológico de Umbanda – SEU, dos quais a primeira autora é frequentadora.

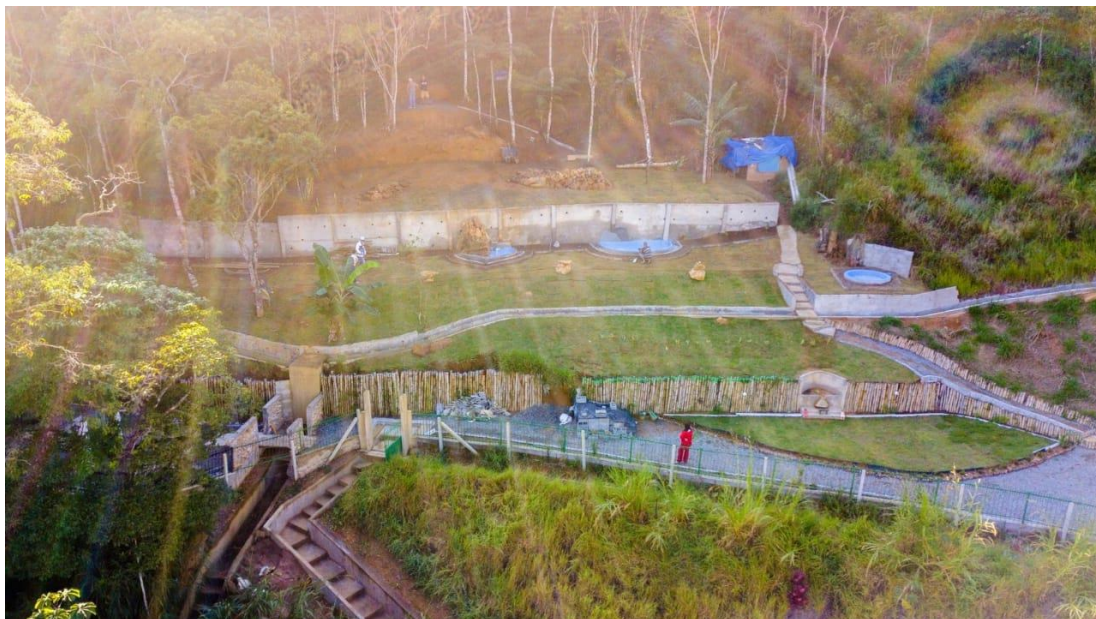
O Centro Espírita de Umbanda Xangô Caô do Oriente (CEUXCO) é um centro de umbanda que segue o ritual Banthu-Ameríndio, o qual tem seus fundamentos baseados nas

tradições dos índios americanos e do povo banto africano. De um modo geral, as religiões afrodescendentes possuem seus fundamentos ligados diretamente à natureza, onde são feitas oferendas e rituais ao ar livre em matas, cachoeiras, pedras, encruzilhadas, etc.

Ao longo de muitos anos, pessoas das religiões de matriz africana que realizavam seus rituais em Teresópolis eram hostilizadas e, com isso, o medo se estabeleceu. Além disso, as legislações ambientais também ficaram mais rígidas, mas não tiveram a sutileza de lembrar dessas religiões e tentar através do diálogo a criação de um espaço de culto para os seus adeptos.

Com a dificuldade em se conectar com a natureza, com episódios de intolerância religiosa a cada dia mais frequentes, o CEUXCO fundou no ano de 2018 o Santuário Ecológico de Umbanda (SEU) na cidade de Teresópolis, mais especificamente na Estrada Rio-Bahia, fazendo parte do bairro Meudon. Em meio à natureza, o terreno ocupa 15 mil metros quadrados de área. Essa conquista dos religiosos deu-se depois de muitos entraves na aquisição do terreno e da obtenção de licença para a construção do santuário, apontadas por Vieira (2021) como reflexo do preconceito em relação às religiões de matriz africana. O Santuário Ecológico Umbandista não ficou imune aos ataques provocados por intolerância religiosa e foi invadido algum tempo depois de sua inauguração, tendo alguns dos seus símbolos roubados, como a espada de Iansã, e outros danificados.

Figura 2: Santuário Ecológico de Umbanda (SEU, Teresópolis, RJ)



Fonte: CEUXCO

Antes da pandemia, o SEU, Santuário Ecológico de Umbanda, estava aberto à visitação, não apenas a médiuns do CEUXCO ou a simpatizantes da umbanda, mas a todos que

desejassem conhecer e compartilhar do local, tanto para o lazer, como por motivos místicos, religiosos e para a participação dos visitantes nas festividades religiosas realizadas no local. Além de ser um lugar de paz e reconexão com a natureza e com o divino, o SEU também tem como função ensinar um pouco sobre a umbanda e seus fundamentos, sua estreita relação com a natureza, desfazendo histórias fantasiosas de demônios criadas para denegrir todas as religiões de fundamentos afrodescendentes, numa tentativa de exclusão de uma cultura milenar.

Acompanhando as atividades relativas ao turismo religioso no período pré-pandemia, por meio de conversas informais com visitantes do Santuário, foi possível verificar que a maioria vem das cidades de Nova Friburgo, Petrópolis e Rio de Janeiro. O principal motivo das pessoas ouvidas irem à cidade de Teresópolis foi a visita ao Santuário e a participação das atividades relacionadas à sua fé, como por exemplo, visita aos terreiros de irmãos para troca de experiências vividas. A maioria dos visitantes volta para suas casas, não pernoitando na cidade a não ser quando havia alguma atividade no Santuário que demandasse pernoite na cidade. Geralmente após o Santuário, os visitantes passeiam pela cidade, visitando pontos turísticos como a FEIRARTE². Quando possuíam alguma ritualística da religião, os visitantes preferiam almoçar no Centro Espírita Xangô Caô do Oriente (CEUXCO).

Com a chegada da pandemia de covid-19, pessoas e instituições tiveram que aprender a viver com a suspensão da normalidade. Todas as atividades que envolvessem contato social foram proibidas, atingindo também os templos religiosos e santuários, que tiveram que fechar suas portas para evitar a aglomerações e com isso a disseminação do vírus. Em função da gravidade do problema, alguns líderes religiosos de grande importância vieram a público pedir cautela na retomada das atividades religiosas, entre eles o Babalawô Ivanir dos Santos, que afirmou que não achava prudente os terreiros das religiões de matriz africana abrirem em um momento em que o número de mortes pela covid-19 ainda era crescente. E fez um alerta também para o fato de muitos terreiros de candomblé e de umbanda funcionarem juntos às residências dos praticantes, assim aumentando o risco de contaminação (Calixto, 2020).

A União Espírita de Umbanda do Brasil também fez seu alerta pela necessidade de preservação da vida neste momento de pandemia.

Em quase 81 anos de história a UEUB sempre lutou em defesa da vida e da dignidade da pessoa humana. Por essa razão, não encontra sentido em uma suposta urgência em impelir as instituições religiosas a retomarem suas atividades, contrariando as recomendações da Organização Mundial de Saúde. (Calixto, 2020).

² Feira de Artesanato, localizada no Bairro no Alto em Teresópolis, com funcionamento aos finais de semana.

Outras lideranças religiosas também foram a público dar o recado a seus fiéis, orientando-os a ficarem em casa ou recomendando a adoção de medidas de proteção no caso dos templos que optassem pela abertura (Calixto, 2020).

No momento em que todos foram obrigados a se isolar em casa, e o fato de as pessoas precisarem de suas religiões e de seus líderes religiosos justamente naquelas circunstâncias, vários templos se adaptaram realizando virtualmente seus encontros divinos e sagrados para ajudar seus fiéis a superar as dificuldades.

O SEU também teve que ser fechado ao público, abrindo apenas para manutenção e limpeza através de poucos médiuns, que seguindo todas as normas de segurança necessárias, entenderam que o trabalho de limpeza e manutenção do SEU também era uma forma conexão com o divino.

Depois de 1 ano e 4 meses de portas fechadas, o CEUXCO retornou algumas de suas atividades presenciais, no Santuário Ecológico de Umbanda (SEU), por ser um espaço aberto, amplamente arejado, com os médiuns tendo tomado a segunda dose da vacina anticovid há mais de 1 mês e tomando todas as medidas preventivas recomendadas, como distanciamento social, redução de pessoas no local, uso de álcool 70% para higienização das mãos e uso de máscaras.

Antes da pandemia o CEUXCO funcionava toda quarta-feira e quinzenalmente aos sábados, sempre com a casa cheia de médiuns, consulentes e visitantes. Hoje, ainda durante a pandemia, o CEUXCO funciona de portas fechadas, onde são realizados apenas alguns rituais importantes pelo Babalorixá, mas as giras (reuniões religiosas, com a incorporação dos médiuns) só ocorrem no SEU com número restrito de médiuns já devidamente vacinados (duas doses) uma vez por mês. As visitas ao santuário estão sendo limitadas a um número muito restrito de visitantes, seguindo todas as medidas de prevenção necessárias.

Pensando em amparar seus fiéis em um momento tão desesperador, o CEUXCO conta com uma página criada na rede social *Facebook* (<https://www.facebook.com/ceuxco>), por meio da qual o Babalorixá (pai de santo) da casa umbandista, Sr. Delmo Ferreira, realiza semanalmente às quartas-feiras, às 19h, uma palestra com palavras de conforto e esperança.

A imagem a seguir retrata uma pequena gira realizada ao ar livre, que foi publicada na rede social acompanhada do seguinte depoimento:

QUANTA EMOÇÃO! Após vários meses parados em virtude da pandemia da covid-19, na tarde do último sábado, 26 de junho, o CEUXCO reuniu alguns médiuns, já imunizados e vacinados com a segunda dose, para a realização de um rito em homenagem a Xangô no SEU – Santuário Ecológico Umbandista. O rito respeitou as normas de distanciamento, uso de máscaras e foi realizado ao ar livre para trazer toda a segurança que esperamos de uma religião de cura.

Para todos os presentes a emoção foi enorme. Xangô Caô do Oriente, entidade responsável pelo CEUXCO ao lado de Oxum do Mar, demonstrou toda sua grandeza, humildade e respeito, quando, antes de começarem os ritos ao Orixá Xangô, pediu que

todos os médiuns recebessem seus próprios chefes de cabeça em frente aos respectivos *pejis*. Que reencontro lindo!

O rito encheu a todos de esperança de que, em breve, poderemos estar reunidos de novo louvando nossos Orixás e nos reencontrando com nossas entidades. Por enquanto, os trabalhos de caridade do CEUXCO ainda estão suspensos, mas esperamos retornar em breve! Que Xangô e Oxum possam abençoar a todos e todas! (CEUXCO, 2021)

Figura 3: Primeiro reencontro de fé pós-vacina de prevenção a COVID-19



Fonte: CEUXCO

Passada a pandemia, espera-se que tanto o templo quanto o santuário umbandista voltem a receber a comunidade e os visitantes de outras cidades para atividades culturais, religiosas e de contato com a natureza.

Retomando o problema da intolerância religiosa, que foi pauta de diversas matérias nos jornais durante o período da pandemia, faz-se necessário um trabalho contínuo de combate ao desrespeito por meio da educação e, inclusive, da educação patrimonial e de medidas mais severas, conforme a gravidade dos atos, em todo o território nacional.

Por educação patrimonial, conforme Horta, Grunberg e Monteiro (1999), entende-se ser um

processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura

do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (HORTA, GRUMBERG e MONTEIRO, 1999, p. 5).

Nesse processo de construção da educação patrimonial de que falam Horta, Grumberg e Monteiro (1999), pode ser inserido também o papel ativo do turismo, se considerados os princípios da educação patrimonial, como agente capaz de promover o respeito e a valorização da diversidade cultural e religiosa, podendo ser capaz de sensibilizar também o outro, o forasteiro, em relação aos bens culturais de uma comunidade e, conseqüentemente, da coletividade.

No tocante à retomada do turismo religioso de matriz africana na cidade de Teresópolis, quando a pandemia estiver sob controle, é importante fortalecer que é necessário – antes de tudo – o respeito dos moradores do município pelo patrimônio religioso ligado à umbanda na cidade, de forma que se possa discutir e desenvolver a atividade turística (com o apoio também dos atores públicos e privados do turismo), promovendo a aceitação e inclusão dos turistas e minimizando quaisquer possíveis reações de hostilidade e conflitos dos moradores da cidade em relação à presença do turista e à atividade turística no santuário umbandista.

O estranhamento leva muitas vezes as pessoas a realizarem um juízo de valor depreciativo sobre um grupo ou uma determinada cultura, por não conhecer, não ter contato com o diferente do seu. Preconceitos e estigmas colocam o “outro” num lugar de “inferioridade” a partir das brincadeiras, piadas e até mesmo xingamentos. Por mais que o brasileiro seja conhecido como um povo hospitaleiro, acolhedor, formado pela miscigenação racial, sabemos que também somos bastante intolerantes e preconceituosos. No turismo são colocados em contato pessoas com visões de mundo completamente distintas, sejam elas nacionais ou estrangeiras. Portanto, é necessário o respeito do visitante com a comunidade receptora e vice-versa e entre os próprios moradores da comunidade. Nesse processo, a comunidade religiosa deve se envolver ativamente, desde a concepção do projeto de desenvolvimento do turismo e da hospitalidade no templo e no santuário, incluindo as ações de educação patrimonial, até a gestão e operação das atividades envolvendo o turista realizadas no local.

Assim, a visibilidade turística dos templos das religiões de matriz africana pode ser alcançada, o que em última instância representa um traço de aceitação e inclusão social e política dessa expressão cultural. Dessa maneira, acredita-se que um novo conhecimento resultante dos encontros promovidos pelo turismo poderia contribuir para a quebra tabus e para a construção de uma outra perspectiva cultural e religiosa, comprometida com o combate à

intolerância, que vitima todos os anos muitos brasileiros e brasileiras, incluindo crianças e idosos, e reproduz a violência histórica sofrida pelo povo herdeiro das tradições afro-brasileiras.

5. CONCLUSÕES

A pandemia de covid-19 provocou a suspensão da normalidade, impactando todas as atividades humanas, incluindo as religiosas e o turismo. Os fiéis das localidades onde se encontram os templos ficaram impedidos, por medidas protetivas, de adentrar nesses espaços que o aproximam do seu sagrado e os turistas de visitarem os locais de culto, de conhecimento cultural e de profissão de fé. A retomada dessas atividades vem sendo feita aos poucos, passado 1 ano e meio de pandemia.

Nesse período, foram vários os líderes religiosos que apoiaram o fechamento de seus lugares de culto, inclusive dos terreiros, respeitando as determinações da ciência e agindo em prol do outro. O que levou o CEUXCO a não abrir as suas portas durante a pandemia não foi somente o medo dos médiuns se contaminarem, mas também o medo de contaminarem pessoas que procuram o terreiro em busca de uma cura, seja física, mental ou espiritual.

Neste trabalho contou-se um pouco da história construída pelo CEUXCO e pelo SEU, duas instituições umbandistas da cidade de Teresópolis-RJ, durante uma época de dificuldade e aguda crise humanitária, reforçando a importância do coletivo na cultura que fundamenta as religiões de matrizes africanas. O amor pela vida, pelo coletivo e o respeito pela natureza, preceitos defendidos pelas religiões de matriz africana, não são atributos de uma religião ou “culto” que trabalhe para o “mal”, como falam as vozes da intolerância religiosa.

Sendo assim, o argumento defendido foi o de que o turismo religioso pode ser um forte aliado no combate à intolerância religiosa, especialmente quando não se pratica a fé religiosa do lugar visitado, servindo como um recurso educativo para a valorização da diversidade religiosa, da liberdade de culto e para o respeito ao patrimônio religioso.

No caso específico das religiões de minoria na cidade de Teresópolis, invisibilizadas em sua existência, mas potências para a prática de um turismo educativo e edificante, a reabertura dos seus espaços sagrados representa uma oportunidade para a construção de um novo debate e de novas relações entre a cidade e seus representantes, os praticantes dessas religiões e os visitantes, inaugurando, quiçá, um outro olhar para o turismo e para as religiões locais.

REFERÊNCIAS

- 3º Fórum Paranaense de Turismo Religioso. (2020) Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=cT2_bENPM8s
- 4º Fórum Paranaense de Turismo Religioso (2021). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=VIBHXm7L4Q8&t=1262s>
- Andrade, J. V. de (2002). *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática.
- Birman, P. (1983). *O que é Umbanda*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Brasil - Ministério da Saúde (2020). *Sobre a doença*. Recuperado de <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/>
- Brasil. IBGE (2020). Teresópolis: panorama. *Panorama*. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/teresopolis/panorama>.
- Brasilturis (2019). MTur: Turismo Religioso movimentou milhares de turistas no sábado (12). 14 de outubro. Recuperado de <https://brasilturis.com.br/mtur-turismo-religioso-movimentou-milhares-de-turistas-no-sabado-12/>
- Cardoso, R. (1996). A cidadania em espaços multiculturais. In: Lerner, J. (ed). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, p.7-11.
- Capelini, T.; Borges, A., & Sousa, F. *Intolerâncias da Fé*. (2015). Brasil, Asha Filmes. 16 min. Recuperado de: <https://www.facebook.com/intoleranciasdafe/?fref=ts> .
- Chinazzi, M., & al (2020). The effect of travel restrictions on the spread of the 2019 novel coronavirus (COVID-19) outbreak. *Science*, v. 368, n. 6489, p. 395-400. Recuperado de: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32144116/>
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Extra (2020). Líderes religiosos pedem cautela na retomada de atividades presenciais em templos e terreiros 12 de julho. Recuperado de <https://extra.globo.com/noticias/lideres-religiosos-pedem-cautela-na-retomada-de-atividades-presenciais-em-templos-terreiros-24517151.html>
- Fórum Nacional de Turismo Religioso (2020). Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=Lqtv3d3j_dg
- Gonçalves, J. R. S. (2003). O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R. ; CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 25-33. Recuperado de: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf
- Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Deu Branco. Recuperado de https://web.facebook.com/blocodeubranco/?_rdc=1&_rdr
- Horta, M. de L. P., Grunberg, E., & Monteiro, A. Q. (1999). *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. Recuperado de: <https://www.facebook.com/catedralcuritiba>

Leite, J. C. L., Santos, S. R., & Leite, A. R. L. (2020). Os impactos econômicos da covid-19 no setor de turismo do Maranhão. *Revista Turismo e Cidades*, v.2. Recuperado de <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/turismoecidades/article/view/15182>

OPAS. *Histórico da pandemia de covid 19*. Recuperado de <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

Pereira, T. C. (2016). A Fazenda March: um patrimônio fantasma no mito de fundação de teresópolis. *Entre o local e o global: Anais do XVII Encontro de História da ANPUH - RIO*, Rio de Janeiro, p. 1-14, 8 ago. Recuperado de: http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1471229821_ARQUIVO_TainaCristinaPereira.pdf.

Prandi, R. (2013). As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. In: TEIXEIRA, F. & MENEZES, R. (Orgs). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, p. 203-218.

Rede de Turismo Regional (RETUR PR). *Turismo religioso: Terra Roxa*. Recuperado de <https://retur.com.br/turismo-religioso-terra-roxa/>

UNWTO (2019). *World Tourism Barometer and Statistical Annex*, Update, 17, Issue 4, nov.

Vieira, J. T. P. (2021). A invisibilidade do turismo religioso afrodescendente na cidade de Teresópolis – RJ. Niterói, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Turismo (Dissertação de mestrado).

Vrindávana Pousada & Spa. Recuperado de <https://vraja.com.br/ashram-vrajabhumi/>

World Tourism Organization – WTO. (2019). *International Tourism Highlights*. Recuperado de http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/demanda/International_Tourism_Highlights_2019_Edition.pdf.

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

VIEIRA, J. T. P., & GUIMARÃES, V. L. (2022). Turismo religioso e combate à intolerância em tempos de COVID-19: um olhar sobre a umbanda na cidade de Teresópolis-RJ. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 10(1), 94-116. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2022v10n1ID26316>
